

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

Revista Internacional do Espiritismo

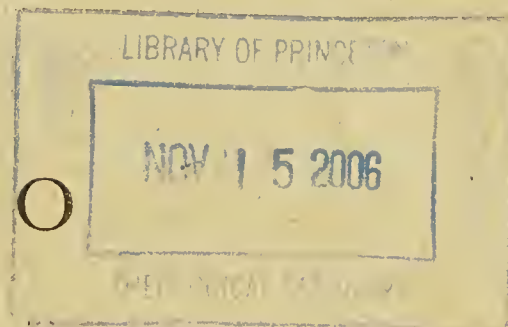
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO



25 de Dezembro	<i>Redação</i>
E os Discos não vieram	<i>Henrique Rodrigues</i>
A Transformação Intelectual do Mundo	<i>Ismael Gomes Braga</i>
Breve Recapitulação da Evolução Animal, do Peixe ao Homem	<i>V. O. Casella</i>
Brilhante discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nosocômio de Mandaqui	<i>«Diário Oficial», São Paulo</i>
Quer ficar rico?	<i>General Levino C. Wischral</i>
Memórias de um Espírita Baiano	<i>Leopoldo Machado</i>
«O Espiritismo à Luz da Crítica» – Livro que Restabelece a Doutrina Espírita	<i>Aleixo Victor Magaldi</i>
Literatura Espírita	<i>Cristovam Marques Pessoa</i>
A Loucura	<i>Bianor Medeiros</i>
Livros em Desfile	<i>Delfino Ferreira</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>
Necrologia	<i>Redação</i>



O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitui o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.\$ 75,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espírita, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando também um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.\$ 45,00 e mais três cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já sahiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinamentos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr\$.20,00 e mais 3 cruzeiros para o porte e registro.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

25 de Dezembro

ENTRE as grandes datas que enriquecem o patrimônio moral e espiritual da humanidade, duas se sobresaem de maneira bem visível: a que registra o nascimento de Jesus Cristo e a que registra o advento do Espiritismo na pessoa do seu codificador, Allan Kardec. Embora se achem separadas uma da outra alguns séculos, estão entretanto ligadas pelo mesmo objetivo, que é evangelizar e espiritualizar a humanidade. Se João Batista foi o precursor do Cristianismo, Jesus foi o precursor do Espiritismo quando prometeu nos enviar o Paracleto. Portanto, a tarefa de Jesus e a de Allan Kardec estão intimamente ligadas, completando-se mutuamente.

O próximo dia 25 registra o aniversário natalício de Jesus, fato este que nos enche de júbilo, porque foi o início da evangelização da humanidade. Jesus veio preparar as criaturas afim de que elas ficassem mais ou menos em condições de receber o Consolador ou o Paracleto, que é o Espiritismo que, por sua vez, está esclarecendo o sentido exato, verdadeiro do Evangelho.

Assim como Jesus foi reconhecido como Mensageiro de Deus pelas suas obras, assim também o Espiritismo está sendo reconhecido como o Paracleto pelos seus fatos e pelo seu trabalho. Efetivamente, sem as obras e os fatos ninguém pode se afirmar credenciado para

executar uma tarefa de relevo, sobretudo quando esta tarefa é de ordem divina. João Batista, quando no cárcere, enviou alguns discípulos a Jesus afim de perguntarem se era Ele o Cristo que havia de vir. Jesus não disse que Ele era o Cristo, mas disse aos enviados que dissessem a João que os cegos viam, os mudos falavam, os paralíticos andavam e que ao povo era ensinado o Evangelho do reino. Diante disso João ficou convencido de que Jesus era de fato o Cristo que havia de vir. Aqui temos um exemplo de que são as obras que recomendam aqueles que têm uma tarefa superior a cumprir, fazendo-os reconhecidos.

Já são decorridos quasi dois mil anos da vinda de Jesus. Durante esse tempo, que quasi nada representa na eternidade, a humanidade viu passar homens de renome, ideologias, credos religiosos, filosóficos e políticos, todos desaparecendo assim como nasceram, mas o Cristianismo, apesar de deturpado em sua essência, avança cada vez mais, conquistando ovelhas desgarradas da Verdade para o seu redil. É agora, com o advento do Espiritismo, o Cristianismo está tomando vulto, porque é mais bem compreendido no seu sentido espiritual, tanto mais que os chamados fatos supra-normais, ou fenômenos psíquicos, estão sendo esclarecidos pelo Espiritismo. É isto é, sem dúvida, mais uma valiosa con-

tribuição ao trabalho de Jesus, que deu provas da imortalidade da alma, por exemplo quando esteve com Elias e Moisés no Monte Tabor, quando ressuscitou Lázaro, quando expeliu os chamados espíritos imundos, sabendo-se que não se pode mandar retirar algo que não exista.

Escrevemos este pequeno artigo como mais uma homenagem a Jesus, nos

prevalecendo da oportunidade que nos oferece o transcurso do seu aniversário natalício, no próximo dia 25, solicitando-lhe numa prece fervorosa, o auxílio de que carecemos para galgarmos mais depressa a escada que nos levará ao Reino de Deus, e também para poderemos cumprir até o fim da nossa jornada terrena, a tarefa de trabalhar pela difusão de sua Doutrina Redentora.

↓ E os Discos não vieram ↓ HENRIQUE RODRIGUES



Um dos aspectos que mais nos encantou no Espiritismo foi o da pluralidade dos mundos habitados. Nosso estudo e razão encontraram nêsse ponto a harmonia com a magnitude do universo. Hoje, a ciência positiva e incontáveis escolas religiosas aceitam com naturalidade tal evidência. Se a vida física, em nosso planeta se baseia nos compostos do carbono, em outros mundos tal fenômeno poderá estruturar-se em outros elementos, entre êles o silício, como salienta a GRANDE SÍNTESE. Quando surgiram os primeiros sinais da existência dos chamados «discos voadores», ainda aí não duvidamos, embora jamais tenhamos visto qualquer objeto semelhante. Bastou-nos o testemunho de pessoas honestas, cultas e responsáveis. Não poderíamos vestir a túnica de São Tomé, para não incidir nos mesmos erros dos adversários da doutrina, que passaram sumariamente o atestado de imbecis, ingênuos ou maldosos, a homens como Crooks, Geley, Bozzano, De Rochas, Ochorowies, Reichembach e outros luminares da ciência.

Diz Flamarion, e a ciência dos nossos dias o atesta, que se é verdade a existência de infinitos mundos habitados, não é menos verdade que a vida física de cada mundo, guarda estreita relação com as condições físicas a êle inerentes, seja tamanho, densidade, gravidade, distância, luz, calor e elementos constitutivos. A sabedoria divina ainda aí se afirmou, colocando barreiras NATURAIS para que cada um ficasse onde Ela determinou.

Se a cosmobiologia determina a

composição orgânica que os espíritos (vestidos de corpos densos) possuem aqui ou acolá, o padrão vibratório do espírito (sem o tal corpo) o leva a gravitar no campo que lhe seja afim. Assim, se existe atmosfera para os encarnados, existe a psicofera para os desencarnados. Se existe distância interplanetária, existe distância de estados vibratórios entre espíritos e entre os mundos que, em última instância, representam uma coletividade. E costuma acontecer que o homem, preocupado em vencer o abismo espacial, esquece a distância espiritual, moral e evolutiva.

Quando alguém *morre* na Terra, não vai gravitar na psicofera de outro planeta. Isso é muito bonito e atraente, mas está longe da realidade. As amizades e os desajustes, os créditos e os débitos nos reterão presos à aura terrestre, pois consoante o ensino, «ninguém irá dêste mundo sem pagar o último centil». O desencarnado não vai para onde quer, porque o magnetismo das imantações kármicas não liberta o espírito, assim como a gravidade terrestre aprisiona o corpo físico. São duas barreiras respeitáveis. A órbita do livre arbítrio humano, felizmente, é bem pequenina. Nós poderíamos arrolar uma série de fatores que irão conspirar contra o homem que pretender sair dêste mundo para outro que julga melhor. Não é a Terra que é má, mau é o homem, e levará essa maldade para onde quer que vá, até para o céu, se lá pudesse chegar com a sua atual bagagem.

Como vêm, a pluralidade dos mundos habitados é razoável, o que não acontece com o turismo interplanetário. Também não tem contacto com a gene-

realização de vida pelo universo, a mania que de uns tempos para cá se acentuou, em apresentar «comunicações», «entrevistas», e outras formas de «charlar» sobre os aspectos físicos dos *venusinos*, *saturninos*, *jupiterianos* e *marcianos*. E lá vem a brincadeira: «São altos, são baixinhos; são magros ou gordinhos; são leves ou pesadões; se são adiantados, são translúcidos, ou ôpacos se são inferiores». A evolução criou êsse estado de mundos piores ou melhores, o que não autoriza a ninguém determinar quem é o superior ou o inferior. Usar o canal mediúnico para tais consultas, ou aceitar o que vem «livre e espontaneamente», é infantil imprudência, é dar rédeas à emotividade, ao delírio, quando não ao fantasmagórico. O espírita deve estudar e, ESCORADO nos estudos e observações, poderá e deverá opinar.

O espírita poderia dizer que, por um processo dedutivo, o adiantamento planetário seguiria a relação de afastamento do sol, porque a diminuição de luz e calor, pressupõe uma vida em que êsses fatores sejam dispensáveis, talvez pelo fato dos espíritos que lá vivem, não «encarnarem» em matéria tão densa como a nossa. Os primitivos animais eram de constituição física muito mais rígida, já que as condições atmosféricas de então, eram mais agrestes do que agora. Podemos supôr também que os espíritos mais evoluídos INDEPENDAM da luz e do calor. Por serem mais *rarefeitos*, sofrerão menos os rigores da gravidade dos planetas maiores. Por terem conhecimentos mais vastos, poderão buscar luz e calor em outras fontes. Sucederia com êles, o que acontece com a paternidade humana, que, na medida do crescimento dos filhos, de seu afastamento, deixa a êles o encargo de se manterem.

Não digo que isso seja o ponto de vista espírita. Não! Alicerço uma tese e poderia juntar-lhe uma infinidade de razões de ordem científica, filosófica e mesmo religiosa. Quando falo de ciência, falo de astronomia, física e química, e não de «ciências ocultas», de «revelações» e outras formas de enganar os tolos. Isso entretanto, não é o assunto deste artigo.

Neste ano de 1956 ocorreu a maior aproximação do planeta Marte. Tanto bastou para que espíritos e espíritas, dêste e do outro mundo, aproveitassem

a «deixa» e entrassem a dizer variadíssimas, gozadíssimas e bestuntíssimas tolices. É preciso considerar que Marte, mesmo muito próximo, esteve há 56.000.000 de quilômetros. Não esteve pois ao alcance da mão. Não se justificava portanto, a atoarda que alguns centros espíritas e instituições espiritualistas fizeram em torno do assunto, já que, de dois em dois anos, Marte se aproxima, e de dezesseis em dezesseis êle volta ao mesmo ponto em que esteve recentemente. Chegaram a *garantir* que os discos desceriam em massa, em setembro, (tinha que ser setembro) para isso ou aquilo, que neutralizariam as usinas de eletricidade pela imposição de campos magnéticos. Ameaçaram céus e terras, assustaram as crianças espirituais, tiraram fotografias (?), deram entrevistas, como legítimos «profetas do fim do mundo».

Serenamente, indiferente a tudo isso, o velho Marte vai lentamente se afastando, sem mandar seus discos saldar a dívida, o calote, o «bluff», a chantagem que fizeram em nome dêle. Quanto às mensagens mediúnicas, devem agora servir de pasto para a alegria dos espíritos brincalhões que, pela invigilância de alguns e a boa fé da maioria, logrou ganhar foros de cousa séria. Como o homem não se modificará pelas injunções exteriores, continuará sempre o mesmo, ainda que Marte lhe caia na cabeça.

Que as explosões atômicas serão portadoras de inúmeros sofrimentos, é coisa fóra de dúvida; mas daí a dizer que os marcianos, venusinos ou saturninos intervirão em nosso globo, porque nossas bombas põem em risco a estabilidade orbitária de Marte, Saturno ou Venus, vai uma grande distância, tão grande ou maior que a que nos separa dêles. Se as experiências ou a guerra atômica transformar êste grão de areia em bolinha de fogo, os marcianos, venusinos e saturninos, profundamente comovidos, dirão de si para consigo:

«La comédia é finita», ou «Consummatum est», ou ainda, «Que Deus lhes perdõe, porque não sabiam o que faziam». Quanto a nós, só Deus sabe o que nos está reservado com a insânia da humanidade. Mas que há muita gente sacando a descoberto e emitindo cheque sem fundos com os «discos voadores», lá isso há. Que os espíritas se abstenham de engrossar a ladainha.

A Transformação Intelectual do Mundo

Em nosso artiguete anterior — O *Suicida* — prometemos tratar mais pormenorizadamente da missão do médium esperantista e curador que pretende surgir nas margens do Tejo (Portugal ou Espanha).

Na terceira parte do grande volume «*Memórias de um Suicida*», dá-nos êle minuciosas informações sôbre um curso de Esperanto que fez no astral (pág. 607 a 616), a fim de cumprir missão universal quando reencarnado. Não só êle como uma verdadeira multidão de outros fizeram e estão fazendo cursos superiores de Esperanto no mundo espiritual, para se processar neste futuro próximo a grande transformação intelectual da Humanidade terrena.

Já por outros médiuns antes de Yvone A. Pereira tem sido revelada essa obra de unificação intelectual que se está processando no mundo espiritual, com vistas ao futuro próximo do nosso Planeta.

O Plano Divino de unificação já providenciou os meios de transporte do homem e da palavra para que a Terra seja um mundo único e não uma infinita diversidade de regiões, separadas umas das outras. A unidade física já é uma verdade palpável e ao alcance de todos, mas falta a compreensão universal, para que os homens possam colaborar, confraternizar-se, e adquirirem uma cultura única planetária.

Êsse momento chegou e o instrumento para isso é a língua comum de todos, aprendida e usada em todas as pátrias e regiões da Terra.

A obra material dos atuais esperantistas que já se acham em atividade em todos os pontos do globo terrestre é preparatória para essa nova civilização que já está preparada pela Grande Universidade Esperantista do astral.

Todos os geniais escritores e poetas da Humanidade, que deixaram suas obras em línguas regionais e só beneficiaram a determinados grupos humanos, voltam agora em novos corpos para repetir seu trabalho em escala mundial.

Victor Hugo, Lord Byron, Dante, Petrarca, Castro Alves, Camilo Castelo Branco, Goethe, Schiller, Shakespeare, Puchkin, Lermontov, e milhares de ou-

tros luminares das letras, estão chegando ao Planeta para suas novas missões culturais.

Alguns já estão trabalhando entre nós. Já vemos surgirem um pouco por toda a parte belos poetas esperantistas jovens.

O Autor nos chama a atenção para um fato singular: o número de mulheres esperantistas será maior do que o de homens. Leiamos na p. 611:

«*Uma vez no recinto do imenso salão, onde nuanças docemente esmeraldinas casavam-se ao rendilhado da arquitetura flúidica e sutil, emprestando-lhe sugestões encantadoras, não me pude furtar à surpresa de averiguar ser o elemento feminino superior em número ao masculino, referência feita aos aprendizes. E, durante o prosseguimento de todo interessante curso, pude verificar com que fervor minhas gentis colegas de aprendizado, as mulheres, se dedicavam à vultosa conquista de armazenarem nos refolhos do cérebro perispíritico as bases espirituais de um idioma que, uma vez reencarnadas, lhes seria grato lenitivo no futuro, afã generoso a lhes descortinar horizontes mais vastos...»*

Nesta futura civilização a mulher virá a exercer influência muito maior e mais benéfica do que no passado. Deixará de ser escrava, submissa aos caprichos masculinos, para pensar e agir por sua conta própria.

Quem ler com atenção êsse livro ímpar, ficará convencido da missão imensa do Esperanto, missão a que já se referiu Emanuel numa célebre mensagem recebida em 19 de janeiro de 1940, há quase 17 anos, e hoje conhecidíssima nos meios esperantistas do Planeta, pois que foi incluída no prefácio de livros em Esperanto já muito espalhados pelo mundo, além de ser muito divulgada pela imprensa periódica espírita.

As pessoas que ainda vejam no Esperanto somente uma língua e não a solução dum grande problema social planetário, devem meditar sôbre a Terceira Parte de «*Memórias de um suicida*».

Ismael Gomes Braga.

Breve Recapitulação da Evolução Animal, do Peixe ao Homem

OS estudos sôbre a origem da raça humana motivou o surgimento de várias teorias sôbre o assunto, causando antagonismo entre os pesquisadores da nossa ascendência.

De um lado estão os concordantes com o Evolucionismo, destacando-se entre êstes os partidários da nossa ascendência simiesca. E de outro, acham-se os adeptos dos postulados bíblicos sôbre a nossa origem adâmica.

Orá, os que apoiam a teoria sôbre a nossa ascendência símia não o fazem por uma simples questão de capricho ou para humilhar aquêles que ainda não conseguiram se desatar dos elos dos dogmas e preconceitos. Êles se baseiam nos testemunhos que a natureza nos oferece, de forma clara e concreta.

Uma das razões dos partidários da nossa origem símia é o exame das partes esqueléticas dos fósseis encontrados nos arquivos da natureza. Mas os opositores destas verdades, reveladas pela anatomia dessas peças, contestam essas razões, sem no entanto apresentarem provas que pudessem anular o que nos contam êsses documentos sôbre a nossa evolução.

Mas deixemos os fósseis, cujo assunto já ventilamos em nosso trabalho anterior e vejamos o que mais a natureza nos relata, pois esta não se descuida em conservar outras provas, apontando nossa trajetória evolutiva, ainda para distâncias mais recuadas da fase símia, ou seja, da era cenozóica, revelando pela ciência filogenética o nosso longínquo passado, desde quando somente as águas eram habitadas, até o Homem atual.

Destas provas, embora de um modo relativo, citemos a embriogenia humana, onde o futuro sêr recapitula em breve período de alguns mêses o caminho evolutivo por onde passaram nossos antepassados, desde há centenas de milhões de anos.

Vamos ver o que nos demonstra a anatomia do sêr humano em formação, no seu curto período de vida oculta: — O Embrião ao principiar-se em estado de germe adere às paredes do tecido que o protege, ali se encrustando como verdadeiro parasito em busca de alimento pa-

ra seu desenvolvimento, sem revelar nesses dias iniciais sinais de órgãos em formação. Ao chegar na terceira semana o corpo do embrião, mais desenvolvido, já apresenta os primeiros órgãos visíveis, cujo esbôço de todos os sistemas orgânicos principais completa-se na quarta semana. Nesta fase, na sua rápida marcha evolutiva de recapitulação, a organização de suas partes anatômicas ajustam-se, apresentando, de forma relativamente nítida, características pisciformes, acusando a nossa relação com a idade dos peixes, dos distantes períodos da era paleozóica.

Aquí então se pode notar na garganta do futuro sêr em formação, sinais evidentes de fendas branquiais, semelhantes as dos peixes. Também neste período, a sua circulação sanguínea assemelha-se com a dêsse vertebrados aquáticos. O mais interessante é a longa e grossa cauda que aparece no embrião, lembrando a dos peixes, ou mesmo a de alguns répteis que se utilizam dessa peça anatômica para defesa e movimentos nas águas.

E sempre evoluindo, nesse curto espaço de tempo, os órgãos do futuro sêr vão desaparecendo com o surgimento de outros, rumando para a direção humana. Continuando, certas características das aves também não se fazem ausentes, denunciadas pela posição dos seus condutos naturais, acentuadamente diferenciados da anatomia dos mamíferos adultos.

Mas na medida em que avança progressivamente essa rápida jornada evolutiva de recapitulação, o embrião começa a tomar sua forma de mamífero, ganhando então caracteres humanos, embora ainda tenha maior percurso a fazer. Evoluindo sempre, sua anatomia vae distanciando-se do passado longínquo, mas antes de se libertar o nascituro ganha características dos Símios, cujos sinais somente desaparecem por completo, após breve período do seu nascimento.

Assim, como vemos, também a nossa vida embriogenética, nessa rápida recapitulação, acusa a raça humana como o resultado de longo trabalho evolutivo, e tudo indica os símios como nossos mais próximos ascendentes da escala animal.

Diante dêsse fatos, de natureza humana, não há dúvidas sôbre a nossa relação com o passado longínquo, desde

quando sòmente os mares concebiam a vida.

Se assim não fôr, por que então êsse capricho da natureza, fazendo o futuro sêr recapitular, nesse curto período, as fases do peixe e outros sêres antes de adquirir a sua verdadeira condição humana? Como esclarecer êsse enigma se admitirmos o casal adâmico como fonte de origem do Homem atual, conforme aceitam os dogmáticos?

Os que não aceitam a raça humana como resultado das leis evolutivas, que nos esclareçam êsse assunto em bases lógicas.

Quanto a nós reencarnacionistas a

evolução animal, onde o Homem não faz exceção, é natural e justa e nessa ordem progressiva nada vemos de antiespiritualista.

E se é vergonha por serem os símios nossos mais próximos ascendentes, também o futuro Homem de aqui alguns milhões de anos, se até lá ainda existir dogmas e preconceitos, sentir-se à humilhado por descender dos chamados civilizados do século vinte, esta raça belicosa que se divide em bandos armados, exterminando-se no ideal de rapinagem, violando os direitos sagrados do lar, da moral e da causa divina.

V. O. CASELLA.

Brilhante Discurso do Deputado Cid Franco sôbre a intolerância religiosa no nosocômio de Mandaquí

Apartes de Solidariedade de Diversos Deputados — Duas Sentenças de Janio Quadros invalidam a ação sectarista

(Conclusão)

c) Aos espíritas, pertencentes aos corpos do Exército, da Marinha e da Aviação, assiste o direito de realizar reuniões religiosas, sempre que existirem dependências ou salões disponíveis». Na Argentina os Centros Espíritas são registrados no «Fichário de Cultos», por decisão do Governo, como instituições religiosas. Nos Estados Unidos, os Centros tomam a denominação de igrejas, como a famosa Igreja Espírita da III Revelação, dirigida pelo rev. J. Dickinson, em São Francisco da Califórnia. Em todos os demais países, da América e da Europa, as práticas espíritas populares são religiosas, não se confundindo com a experimentação científica que evidentemente se reveste de outras características e não é praticada pelo povo, mas pelos homens da ciência, não raro sob outras denominações, como Metapsíquica ou Parapsicologia. No Brasil, durante os censos da população, o Espiritismo foi sempre computado como religião.

7 — Camile Flammarion, que era um cientista, comentou o fato de Kardec não ter dado à codificação espírita um cará-

ter puramente científico. Mas o seu discurso, à beira do túmulo de Kardec, longe de poder servir de base a negação da natureza religiosa do Espiritismo — como pretende um dos autores dos pareceres a que aludimos — serve em sentido contrário. «Talvez — disse Flammarion — se deva preferir que as coisas tenham começado assim. Nem sempre se deve recusar valor ao sentimento. Quantos corações já foram consolados por esta crença religiosa!» (Ver «Obras Póstumas», de Kardec, pág. 22, trad. de Guillon Ribeiro, 9.^a edição da Livraria Editora da F. E. B.). Leon Denis é o autor de «Cristianismo e Espiritismo», livro que prova a natureza cristã da doutrina espírita, e toda a sua obra é tão profundamente religiosa que não sabemos como os autores dos pareceres puderam mencionar o seu nome em favor de sua estranha tese.

8 — O Espiritismo é hoje universalmente reconhecido, nos meios em que a doutrina e sua história vêm sendo criteriosamente estudadas, como uma doutrina tríplice: científica, filosófica e religiosa. Kardec explicou, em «O que é o Espiritismo», o entrosamento natural dêsse três

aspectos. Sir Oliver Lodge, o famoso físico inglês, em seu livro «Por que creio na immortalidade pessoal», e Leon Denis, em seu discurso no encerramento do Congresso Espírita Internacional de Paris, em 1925, chamaram a doutrina, em virtude dos seus três aspectos de «síntese do conhecimento». No Brasil, é muito divulgada a «definição de Emmanuel», que consiste na apresentação da doutrina como um triângulo, cujos ângulos inferiores, assentados na terra são a ciência e a filosofia, e cujo ângulo superior, voltado para o céu é a religião. Em todos os Congressos Espíritas nacionais e estaduais realizados no País, a doutrina tem sido encarada por essa forma. Os espíritas brasileiros compreendem a sequência lógica, natural e necessária, dos três aspectos doutrinários. 1.º) a ciência, que investiga os fatos espíritas e está a cargo dos cientistas; 2.º) a filosofia que interpreta êsses fatos à luz da razão, e é elaborada pelos pensadores e escritores espíritas; 3.º) a religião ou «a consequência religiosa», como dizia Kardec, que é a aplicação da filosofia espírita à vida, em forma de normas espirituais de conduta.

9 — No caso particular do Mandaquí, os autores dos pareceres a que aludimos fizeram, — depois de tentar negar a natureza religiosa do Espiritismo, — uma sutil distinção entre liberdade de consciência e de culto. A distinção não caberia no caso, como é fácil compreender-se, pois não há motivos para qualquer culto religioso, pelo simples fato de não ser católico, perturbar a ordem de hospital. Mesmo, porém, que coubesse, devemos lembrar que as reuniões espíritas do Mandaquí não se incluem na categoria das reuniões de culto. São pura e exclusivamente de assistência religiosa aos doentes espíritas, realizadas em virtude de requerimento daqueles doentes à direção do hospital. As pessoas designadas pelo Clube dos Jornalistas Espíritas comparecem uma vez por semana àquele nosocômio, em hora combinada com a direção do mesmo, unicamente para manterem com os internados uma hora de conversação doutrinária. Típica assistência religiosa, para conforto espiritual dos internados que têm o mais legítimo direito constitucional e humano, a essa assistência, e não trabalho de propaganda e proselitismo, como insinuam os pareceres.

10 — O fato de haver um convênio

entre o Govêrno do Estado e determinada ordem religiosa para a prestação de serviços no hospital, não pode servir de pretexto para o estabelecimento de um clima de asfixia religiosa naquele próprio estadual, onde o Govêrno deve zelar pelos direitos dos internados. Todo doente espírita tem o direito de receber, ao menos uma vez por semana, a assistência de sua religião, mórmente quando se sabe que todos êles, à semelhança do que se passa com os protestantes e outros são obrigados a viver ali — distantes da família e dos amigos — em ambiente que implica em coação religiosa. Negar a êsses doentes, bem como aos protestantes e outros, um direito de tal ordem, seria ato da mais cruel intolerância, do mais retrógrado sectarismo, incompatível com o século em que vivemos.

11 — Nos pareceres, fala-se na existência de apenas quatro internados espíritas no Mandaquí. Bastam as assinaturas do livro de presença das nossas reuniões — que se realizam há três anos, — para provar o contrário. E se contrariando o nosso livro, espontâneamente assinado pelos doentes que espontâneamente comparecem as nossas reuniões, apenas quatro internados se declararam espíritas ao entrar no nosocômio, êste fato é suficiente para provar a existência de ambiente turbado por intolerância religiosa no Hospital do Mandaquí, o que é inadmissível na atualidade, vêm o Clube dos Jornalistas Espíritas, confiante no alto espírito de discernimento, justiça e humanidade de Vossa Excia., solicitar as suas imediatas e enérgicas providências, para que essa nova violação dos direitos constitucionais e humanos dos doentes espíritas daquele hospital seja cortada pela raíz.

Na certeza de que, no Govêrno democrático de Vossa Excia., tentativas desta natureza não poderão vingar, subscrevem-se atenciosa e respeitosamente, em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas, os seus diretores:

a) *Francisco Carlos de Castro Neves*, Presidente; — *J. Herculano Pires*, Vice-Presidente; — *Wandyck Freitas*».

Acabamos de ler, Sr. Presidente e Srs. deputados, o officio em que o Clube dos Jornalistas Espíritas protesta, com toda razão, com carradas de razão, contra a intolerância que proibe a assistência reli-

giosa aos doentes espíritas, assistência solicitada por êles próprios, nos têrmos da Constituição da República. Tem o aparte o deputado Bady Bassitt

O SR. BADY BASSITT — Nobre deputado Cid Franco, louvo inteiramente a sua corajosa atitude neste momento assumando à tribuna mais alta de São Paulo na defesa de um princípio que nós entendemos inteiramente legal. Estou com V. Exa., apesar de não perfilhar a doutrina espírita, pois V. Exa. conhece perfeitamente bem o meu sentimento. Considero mesmo uma infâmia os atos praticados principalmente como médico. Deixemos de lado a parte ilegal, inconstitucional, da atitude tomada contra os doentes do Mandaqui. Vamos pelo lado científico, pelo lado médico. Entendo que, às vezes, a assistência religiosa poderá trazer maiores benefícios...

O SR. CID FRANCO — Muito bem !

O SR. BADY BASSITT — ... ao doente do que a própria assistência médica ...

O SR. CID FRANCO — Muito bem !

O SR. BADY BASSITT — ... principalmente a doentes que sentem intimamente a necessidade de um confôrto espiritual. Entendo que êsse mesmo confôrto só poderá realmente advir por meio de uma palestra, repassada de sinceridade de sentimentos e de propósitos tal que seja infiltrada e atinja aquela sensação dolorosa dos que lá vivem e sofrem. Eis porque me solidarizo com V. Exa. inteiramente, reputando sua defesa como uma das mais brilhantes que tenho ouvido neste Plenário. E justifico meu pensamento, que é concorde com o de V. Exa., pronunciando-me favoravelmente ao seu protesto, a que junto o meu, com a mesma veemência e com a mesma sinceridade de propósito que animam V. Exa.

O SR. CID FRANCO — Agradecemos em nosso nome pessoal e em nome do Clube dos Jornalistas Espíritas, o apoio do nobre deputado Bady Bassitt.

O SR. CYRO ALBUQUERQUE — (Com o assentimento do orador.) — Desejo também, nobre deputado Cid Franco, trazer a minha irrestrita solidariedade aos reclamos que V. Exa. faz desta tribuna mostrando a odiosa discriminação religiosa vigente no Mandaqui, que é incompatível e não se coaduna com os foros de

democracia em que vive o nosso país. Realmente o Espiritismo é ciência quando William Crookes pesquisa a materialização dos fenômenos espíritas; é filosofia quando Allan Kardec o codifica, e é, nobre deputado, religião, sobretudo, quando, à beira do leito de um enfêrmo, vai ministrar ao doente o lenitivo moral, o lenitivo cristão para reabilitar seu corpo doente. Felicito V. Exa., nobre deputado Cid Franco, pela oportunidade dêste palpitante assunto.

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente e Srs. Deputados, infelizmente, o tempo não nos permite conceder novos apartes. Agradecemos o apoio dos nossos colegas e incorporamos ao nosso discurso o officio do Clube dos Jornalistas Espíritas.

Diante dêsse apêlo, Srs. deputados, esperamos que o Sr. Governador de São Paulo não permita que prevaleça, contra princípios claros da Constituição Brasileira, a intolerância religiosa. (Muito bem !)

Era, Sr. Presidente, o que devíamos dizer.

Discurso pronunciado na Sessão do dia

24—9—56

O SR. CID FRANCO — Sr. Presidente, Srs. deputados, quando, em princípios deste ano, o Clube dos Jornalistas Espíritas oficiou ao Governador do Estado protestando contra a intolerância religiosa que vinha prejudicando os doentes espíritas do Hospital Sanatório do Mandaqui, o Sr. Jânio Quadros exarou um despacho nestes têrmos :

«Sou católico, mas não tolerarei qualquer violência religiosa. Não desejo outras queixas».

Passou-se o tempo. Tudo parecia normalizado. As preleções espíritas vinham sendo feitas todos os sábados. Note-se o têrmo : preleções e não sessões. Palestras doutrinárias e não experiências metapsíquicas. Um trabalho de assistência religiosa que os próprios doentes haviam solicitado.

De repente estala a proibição, baseada na manobra dos dois pareceres que comentamos em discurso anterior. O Governador despachara : «... não tolerarei qualquer violência religiosa. Não desejo outras queixas». E a intolerância passou por cima de sua autoridade. Ficou proi-

bida a assistência religiosa aos tuberculosos espíritas, com fundamento em dois pareceres sectários, atrasados e ridículos.

Que devia fazer o Clube dos Jornalistas Espíritas? Recorrer novamente ao Governador. E recorreu.

Em 19 deste mês, no ofício que lhe foi remetido pelo ex-deputado Castro Neves, pelos jornalistas Herculano Pires e Wandyck Freitas, o Governador deu novo despacho. «Reitero a ordem. Não se fará aí violência ou discriminação, que alcance qualquer convicção religiosa ou filosófica. As práticas espíritas estão expressamente permitidas. (2) Jânio Quadros».

No dia 22, sabado, os doentes ainda estiveram privados da assistência de sua religião, porque o despacho do Governador não chegara ao hospital.

Fazemos votos, Sr. Presidente, para que tudo se normalize, mais uma vez.

Mas também fazemos votos para que a autoridade do Chefe do Poder Executivo não seja novamente desrespeitada, ou melhor, para que não seja burlada a Constituição Brasileira.

Pouco adiantarão despachos do Governador se o direito dos doentes espíritas não merecer o respeito que lhes garante a Constituição. Primeiro foi a violência de um sacerdote intolerante; depois, a manobra dos pareceres, um deles afirmando que o Espiritismo «não é religião»...

Que teremos ainda? Qual o recurso que o fanatismo escolherá? Que medida vai surgir das maquinações do sectarismo?

Criou-se uma situação delicada: ou o princípio da liberdade religiosa é respeitado ou a autoridade do Governo sairá diminuída desta luta.

Aguardemos.

QUER FICAR RICO?

General Levino C. Wischral

A prece quando é sincera, natural e honesta tem a eficácia de produzir os desejados efeitos para quem a faz. Há sempre Alguém que atende a oração.

Em duas passagens evangélicas o bondoso Cristo-Médico nos instrue dizendo: Orai uns PELOS outros, para que fiquéis curados, e, na outra Jesus pergunta: Está alguém entre vós aflito? É o próprio Mestre quem nos dá a resposta dizendo: Orai então!

Sabemos que os Céus beneficiam mais depressa àqueles que oram e suplicam bençãos para os OUTROS, por aqueles que não sabem ou não querem orar, ou mesmo, por aqueles cuja dor é tamanha que os impossibilita obter êsse colloquio com Deus.

Aliás o inegalável luminar Francisco de Assis ensina-nos, vejamos bem: «Pois é dando que receberemos...» Isto é, primeiro devemos dar, e muito, para depois recebermos, essa é a condição essencial sem o que nada poderemos recolher, para nós, dos Celeiros Celestes.

Sobre o bíblico termo: «Acrescimento de Misericórdia» podemos esclarecer o seguinte: Para aquele que der um, o Alto enviará dois, três ou dez. A misericórdia divina recompensa de modo exu-

berante, o que se pode comprovar matematicamente observando o agricultor que, plantando apenas um grão de milho, recebe da bondosa Mãe-Terra duas espigas de milho com muito mais de 500 grãos. Se a terra é assim dadivosa, como não será então Deus?

Aquele que nada der? «...até o que tem lhe será tirado».

Por que não fazermos, todos nós, êste lucrativo negócio, com as Casas Bancárias do Pai à base de 500%? Quase que diríamos que só o câmbio-negro poderia oferecer-nos tal percentagem.

Algumas vezes costumamos dizer: «O mundo dá muitas voltas...» Imaginem se hoje nós dessemos um prato de sopa à uma pessoa pobre, sabem o que iria acontecer? Ficariamos creditados para, mais tarde, recebermos do Refeitório Divino 500 ou 800 pratos de comida, se ficassemos necessitados. Se não desejarmos receber essa dávida, criada por nós mesmos, então será êsse crédito dividido, como precioso maná, destinado a alimentar as criaturas que a tudo tenham renunciado em vida.

Se a maioria dos capitalistas tivesse certeza absoluta que a vida continua

após a morte, nós de bom grado viriamos que nenhuma moeda mais seria acumulada em bancos ou caixas fortes — todos seriam generosos com exagêro!! Até mesmo os hospitais, manicômios, asilos, sanatórios, prisões e quartéis cerra-

riam suas portas, pois, o grande milagre do amor pelo próximo se estenderia sobre toda a humanidade.

Dando, tornamo-nos ricos!

Vamos experimentar!

P A X !

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

XVIII CAPÍTULO

Hotel Central — Fatos dignos de registro

1) O *Hotel Central* — uma coisa de 4.^a ou 5.^a classe, na rua do Julião, Salvador, Bahia, foi, por assim dizer, minha escola superior. Aí, repontaram meus pendores para as letras. Aí, tomei gosto a leitura de livros literários. Aí, apurei o senso de responsabilidade e apanhei personalidade.

2) Seu proprietário, Bento Gomes Veiga, era um português quase analfabeto. Mas, generoso e bom. Abusavam dele por sua bondade e generosidade.

3) Observei aí usos e abusos contra a casa e seu proprietário que me revoltavam. Exemplos? E os mais concretos.

4) Uns rapazes alagoanos, os Medeiros, vendiam, aí, *contrabando*. Eram tidos e havidos como *contrabandistas*. Mas, estavam sempre prevenidos com faturas seladas, recibos assinados das casas onde compravam seus *contrabandos*. Recibos e faturas com que, muitas vezes, se livraram dos fiscais. Vendiam chapéus do Chile ou do Panamá, cortes de casimira, perfumes, revolver, baralhos, tecidos para senhoras e crianças, o diabo.

5) Os fregueses deixavam de comprar nas lojas que os abasteciam, que pagavam licença e imposto, aluguel e outras obrigações, para comprarem a êles, que não sabiam o que era licença, aluguel de casa, despesas de instalação, etc., etc. E, às vezes, até por mais qualquer coisa, sob alegação de que o produto era melhor...

6) Na minha última ida a Salvador, vi uma casa de modas com luxo e conforto, nas Mercês. Era do mais velho. O mais moço, assistira a uma de minhas palestras, desapatado e rescen-

dendo alcool. Havia brigado e se separado do irmão.

* * *

7) Um electricista iludiu o português levando a um negócio escuso de pagar pouca luz elétrica. Pôs à instalação um dispositivo que desviava a corrente, a troco de alguns *trocados* e de um prato, agora ou mais logo, de comida...

— O senhor fez isso? perguntei-lhe.

— Fiz. Que mal vai nisso?

— Quando o senhor lhe negar o primeiro pedido êle o desmascara.

8) Assim sucedeu. Uma tarde, chega lá o representante da Empresa de energia elétrica, verifica o peso da denúncia, e, aos gritos de — *ladrões! des-honestos! trapaceiros!* — corta tudo.

* * *

9) Passou-se do candieiro a querozene, até se colocar o gás encanado.

10) Cel. Galdino, de Itabuna, passava lá meses seguidos, em companhia de outro coronel, João Antonio, desordeiro. Ao fim do mês, pedia a conta. Mas, pagava sempre um terço, ou menos, das despesas.

11) Noite havia em que, chegando bebados, de revolver em punho, saíam quebrando as mangas dos lampiões a seu alcance, ao alcance de seus revólveres.

* * *

12) Um major do Exército, uma vez por outra, aparecia para conversar com os Medeiros. E levava consigo uma rapariga branca ou mulatinha. Consumiam uma garrafa de *whisky* com água de côco. Depois, subiam...

Sr. Bento, seu Hotel é familiar. Não acho direito o que esse homem faz, dizia-lhe.

13) Não pôs o homem à margem.

Mas, alugou o prédio visinho e lá instalou um departamento exclusivamente familiar.

* * *

14) O sargento Lino, pretinho e vivo, foi chamado, um dia, por mim, para afastar do Hotel um embriagado que queria apedrejar tudo. Trancou-o no xadrez. Mas, eu fiquei na obrigação de, aqui e ali, atender a uma *beliscadinha* dele, pedindo dinheiro.

15) Veio o Governo de Hermes da Fonseca. E ordem para as forças do Exército assumirem o *contrôle* de tudo, com a deposição do Governador. A policia reagiu. O posto do bairro, dirigido pelo sargento Lino, portou-se com valentia e garbo. E foi enviado contra êle, aquele major, aquele mesmo major Vidal. O cerco foi exatamente pela frente do Hotel. Trocam-se tiros. Os policiais caem nâgua. E são, impiedosamente, assassinados, os que sabiam nadar. Mergulhavam. E eram baleados de morte na cabeça, assim emergiam. Os outros, morreram afogados. Vi a cabeça do sargento Lino com uma enorme brecha na vista.

16) Ficaram, daí por diante, os policiais da Bahia conhecidos por *Cai nâgua*.

* * *

17) Dos hospedes, aquele que se ligou mais a mim, que influira muito para despertar minhas tendências e inclinações para as letras, foi o Duarte. Dê-le escrevi isso no meu *Ide e Pregai* (pág. 67). «Joaquim da Silva Duarte o primeiro. Eramos *garçon* e ele pensionista do Hotel. Afeiçoou-se-nos. Uma inteligência fulgurante a par de um temperamento boêmio e esquesito. Descobriu que eramos poeta, que podíamos elaborar e representar teatro. Despertou em nós o gosto pela boa literatura e pela discussão adequada. Ensinou-nos a declamar. Contagiou-nos de literatura, de poesia, de materialismo, pois com seu convívio, não chegamos a ser batizado, a pagar o dizimo à igreja batista. Só não nos contagiou de suas boemias puxadas a alcool. Amava, como ninguém, a discussão. Mudava de credo e de partido, só para adversar o partido e o credo do antagonista. Vimo-lo, por várias vezes, ser deista e espiritualista para combater o materialismo; ser materialista para adver-

sar o espiritualismo, o deísmo. Era protestante para arrazar o catolicismo. Mas, fazia-se católico para confundir o protestantismo. Era espírita perante os negadores. Era negativista para discutir com espíritas. Um temperamento original! Mas, que não nos contagiou com sua infirmezade de opinião e de atitudes.

Hoje, na Espiritualidade, para êle, nosso coração agradecido, nossas preces!

18) Disse que nos não contagiou de gosto pelo alcool, de sua boemia. Não disse bem, a despeito de ter as forças suficientes para, depois, deixar uma e outra coisa.

* * *

19) Numa noite, no meu quarto, tomei um pifão de whisky com água de côco, só para ver como era aquilo, o gosto que aquilo tinha. Adormeci bebado. Acordei, na madrugada seguinte, com uma dor de cabeça danada, todo vomitado, a garrafa tombada e o líquido escorrendo pelo quarto,

Foi a primeira e última vez que me embriaguei... Só para ver o gosto de uma embriaguez completa...

* * *

20) No quarto do Duarte, havia sempre fartura de queijo seridó, goiabada, rapadura do sertão, vermuth, parati, vinho do Porto, pão e manteiga em lata. Sempre que voltavamos, às noites, de nossas boemias, fazíamos, antes de dormir, nossas ceiatas.

* * *

21) O prof. Antonio Cantidiano Soares Passos hospedara-se, como pensionista, no Hotel. E costumava esperar-nos sempre, a pretextos que inventava, para participar, também, de uma guloseima.

22) Uma noite, trazia-nos um soneto do filho, com este remate admirável:

«*E minha alma enleuada, não se exime:
«Conhece a Luz mas vive em plena treva,
«Conhece a Lei, mas vive em pleno crime.*

23) Faltou luz. Acendi uma vela. O velho, as pernas nûas, agarrado a um pedaço de seridó e a um copo de vinho do Porto, deleitava-se, ouvindo o Duarte ler o soneto do filho.

24) Veio a tentação, diante daquela perna, muito branca, muito pelancuda, e enfim entornando o castiçal. Ao pingo da cêra, quente e mole, na sua perna, êle se levantou de chofre, deixou tudo no quarto e saiu brusco.

Nunca mais falou conosco.

E foi esse o segundo crime que, ainda hoje, me dóe na alma.

25) Com o tempo, eu passei a servir, sômente, a certos freguezes. Aliás, para ciumeira de outros freguezes e despeito de companheiros.

* * *

26) Hospedou-se lá um espanhol, que tirava fotografias, e as vendia, em porcelana ou em esmalte. Não chegavam.

Todos as disputavam. Servia a êle, juntamente, á mesa do Duarte. Faziam as refeições decifrando charadas.

27) Naquele dia, o espanhol fotografo trazia uma de arromba, que disse a seu visinho de mesa: «Já foi a carta para fóra, 1-2». Eu pela confiança que o Duarte me dava, perguntei: «Quantas mesmo? Isto é: quantas sílabas». Ele respondeu, num tom de superioridade à espanhola: «Isto não é para você, não!»

— Se é 1 e 2 está morta: *externo*, não é? Já foi, ex. A carta, carta de baralho, *terno*.

O espanhol achou-me extraordinário. E passou a tratar-me com respeito e bondade.



“O Espiritismo à Luz da Crítica”

— Livro que Restabelece a Doutrina Espírita —

Escreveu Deolindo Amorim, mais um livro. Dedicou-o à esposa, D.^a Delta, quem o estimulou a escrever o livro. É «O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA». Prefácio do Dr. Levindo Mello, médico ilustre, idealizador, fundador e presidente da Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro. (Uma coincidência de relêvo: o Dr. Levindo começou a estudar a Doutrina Espírita, segundo lá me relataram, na cidadezinha de Minas, bucólica e simplória, que se chama *Lima Duarte*, onde eu também me iniciei no Espiritismo; êle em 1925 e eu em 1931). O preclaro prefaciador escreveu coisas de alta significação no seu prefácio. Logo de início, pág. 9, afirma: «Comecei meus estudos em 1925, orientando-os pela Codificação de Allan Kardec, o sábio médico francês do século passado. Tornei-me espírita convicto pelo estudo teórico e prático da Doutrina, pela observação de casos clínicos e psiquiátricos, *diagnosticados e curados* pelo Espiritismo, depois do *desengano* da Medicina. Gastei muitos anos nesse trabalho intelectual, antes de me convencer da Verdade imortalista de Allan Kardec. Em 1931, Deus me abençoou mais uma vez, concedendo-me o dom de uma psicografia semi-mecânica, que me põe di-

retamente em comunicação com os espíritos, *utilíssima para a prática da Medicina* e do Espiritismo. Com essa faculdade mediúnica, minha convicção na existência dos Espíritos, como seres inteligentes da Natureza, como almas dos homens falecidos, tornou-se *realmente absoluta*, depois de *milhares* de testes científicos e de provas concludentes, de toda sorte. Depois de *possuir* essa Ciência, essa *certeza*, êsse tesouro que a Misericórdia de Deus me ofertou, negar a Verdade científica e religiosa do Espiritismo seria realmente um crime de lesa-consciência, deprimente para um homem, um cristão, um médico».

O prefácio do Dr. Levindo Mello bastaria para contradizer ou rebater as inverdades contidas no livro do padre Alvaro Negromonte. (Certa vez comprei êsse livro do padre Negromonte e o ofereci a uma de minhas filhas, que professa a Religião Católica, no dia de seu aniversário, com a seguinte dedicatória: «Para você ver o retrato de seu pai pintado por um ilustre vigário». Para tanto seria necessário colocar as afirmativas do Dr. Levindo frente à frente às negativas do padre Negromonte. Aquele fez observações pessoais; estudou teórica e praticamente a Doutrina, acompanhando

diretamente numerosos casos clínicos e psiquiátricos diagnosticados e curados pelo Espiritismo depois dos doentes terem sido desenganados pela Medicina, gastando muitos anos nêsse trabalho. Êste, porém, como Deolindo provou, respeitável sacerdote, em razão do natural impedimento teológico, por disciplina eclesiástica, não fez nenhum estudo pessoal, nenhuma observação direta; antes, «no terreno dos fatos e das provas históricas, o respeitável sacerdote Alvaro Negromonte claudicou muito, e de maneira flagrante, porque chegou a desfigurar a significação de documentos e episódios para fortalecer os seus pontos de vista». Quem merece crédito, dos dois? E' o próprio Dr. Levindo Mello quem aponta onde realizou as suas experiências, num período de 25 anos, na pág. 10 do livro em apreço: «Desde 1930 que trabalho aquí no Rio num ritmo constante... E assim, neste período de 25 anos, de 1930 a 1955, trabalhei nos seguintes setores: Hospital Espírita, Retiro dos Espíritos, Confraternização dos Espíritos, Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza, Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, Campanha jornalística contra a matança dos animais, o carnivorismo, o tabagismo, contra a luta entre Religiões; luta contra o Materialismo...»

E o respeitável padre Negromonte? Apenas ataca o Espiritismo *por ouvir dizer*, com a agravante ainda pior, de claudicar, desfigurando a significação de documentos e episódios, de má fé, portanto.

O Dr. Levindo Mello, à pág. 11, exclama: «Ainda não consegui compreender por que alguns altos dignatários das Religiões majoritárias das Américas e da Eurásia combatem o Espiritismo, que nenhum mal lhes faz e antes, pelo contrário, as ampara com a segurança das provas científicas da existência real dos espíritos, sêres vivos, naturais, do Reino Espiritual ou Quarto Reino da Natureza!» E, à pág. 15 e seguinte, proclama: «Sou sobrinho de um saudoso e benemérito sacerdote católico, o notável Padre Gustavo Ernesto Coelho, que foi vigário de São João del Rei, MG, durante mais de 1/4 de século, respeitado e querido por todos, devido a seus elevados dotes de coração e de inteligên-

cia; aprendi com êle a respeitar e a querer bem todas as Religiões e todos os religiosos, quando sincêros e convictos. Por isso mesmo, não sou contra nenhuma Religião; sou mesmo pela confraternização cristã de todas as Religiões e de todos os religiosos, com absoluto respeito mútuo e sincero, entre todos». Em conclusão, à pág. 17 e seguinte, declara o Dr. Levindo Mello: «Criticando respeitavelmente os ataques do culto gladiador católico, o Sr. Amorim estuda novamente as obras do imortal e glorioso Allan Kardec, a produção medianímica das Irmãs Fox (início conhecido em dezembro de 1847 a março de 1848); estuda Home e outros grandes médiuns; discute longamente o fenômeno da fraude, aliás tão comum em todos os setores visitados pelo homem; estuda as obras de Flammarton, Crookes, Richet, Bozzano, Geley, Gibier, De Rochas, Bezerra de Menezes, médium Chico Xavier e muitos outros médiuns, cientistas, sábios. E' um trabalho construtor, vibrante, oxigenado, vitalizador, que honrará sempre seu Autor, e beneficiará sempre seus leitores. Para terminar êste modestíssimo prefácio: — eu me congratulo vivamente com a imensa e estudiosa Família espírita de todo o mundo, por êste novo livro do grande e culto Jornalista Deolindo Amorim, verdadeiro faról evangélico a iluminar e salvar a Humanidade, em meio às trevas densas do momento histórico atual da Humanidade; e peço sinceramente a Deus abençõe também o nosso irmão em Cristo, o ilustre e prezadíssimo Padre Alvaro Negromonte, que, embora sem querer, evidentemente foi o primeiro fator do novo livro, contribuindo assim para o progresso da Ciência Espiritualista, para a instalação da Moral Pura na Terra e para a felicidade dos homens».

Leitor amigo, você conhece a erudição, a dialética de aço de Deolindo Amorim, na tribuna, no rádio e na imprensa. Leia o seu novo livro, *O ESPIRITISMO À LUZ DA CRÍTICA*. Saboreie êsse pão de Lot litero-doutrinário, recheado dos mais deliciosos bombons da Verdade. E peça a Deus que o conserve sempre assim.

Aleixo Victor Magaldi.

Literatura Espírita

Dois livros novos acabamos de receber do Sul do País. Os autores são literatos credenciados no movimento espírita nacional e, portanto, com autoridade para se dirigirem aos jovens.

«TEATRO DA MOCIDADE» — 1.^a EDIÇÃO — LEOPOLDO MACHADO — RIO DE JANEIRO. — No movimento espírita brasileiro temos vários obreiros que parece nasceram para servir à doutrina de todos os modos possíveis.

Entre êstes está um velho espírita de Nova Iguassú, no Estado do Rio. O seu lema maior é: «primeiro o Espiritismo», e ninguém o afasta disso. Em tudo tem êle demonstrado que não se fez espírita, uma vez que já nasceu com essa vocação, embora tenha se esforçado para levá-la adiante mais aperfeiçoada.

Pena é que tão grande trabalhador esteja agora, na sua velhice, impossibilitado de movimentar-se sem grande esforço e sem prejuízo para a sua saúde. A doença tem-lhe solapado as energias físicas, embora a fôrça moral e a inteligência estejam cada vez mais altas. E a prova é que continua escrevendo para os amigos, para os jornais e revistas espíritas e preparando suas memórias, escritos êses que estamos ansiosos que sejam publicados. Nada lhe vence o bom ânimo, como se vê.

Êsse dinâmico homem chama-se Leopoldo Machado e sobre êle noutra ocasião já nos reportamos aquí. Professor e diretor de um colégio por êle mesmo fundado há mais de 25 anos, poeta, jornalista, escritor, teatrólogo, é, como se diz, o homem dos sete instrumentos. Fundou e dirige também um lar para as crianças encontradas sem amparo. Em certo tempo, suas polêmicas religiosas em jornais do Rio, abalaram setores contrários. Suas conferências realizadas em todo o Brasil ninguém até agora conseguiu esquecer. Suas campanhas em prol da formação de Mocidades Espíritas continuam dando os melhores resultados. Incentivado por suas idéias, o Espiritismo aos poucos tem deixado de ser uma espécie de religião tumular para tornar-se uma movimentação de vivos em busca da Verdade.

Êsse notável homem de letras ofertou-me há meses um de seus livros mais vendidos e que só agora por falta de tempo estou acusando o recebimento através destas anotações.

«TEATRO DA MOCIDADE» é composto de peças baseadas na moral do Cristo, fáceis de representação. São tentativas de afastar a mocidade da corrupção e do ateísmo.

Composto de 32 pequenas peças de isquetes, diálogos, declamação, etc., muito contribuirá para o recreio e a instrução religiosa da mocidade.

O autor, segundo declara, é partidário de programas teatrais leves, movimentados e alegres, e o livro está todo dentro deste princípio. E sendo êsse o seu terceiro volume sôbre teatro espiritualista, pode-se concluir facilmente do apuro e do zêlo com que foi preparada a obra. Estão de parabens, portanto, os amantes da boa arte. Cumprimentos ao autor.

«VERSOS À MOCIDADE» — AMADEU SANTOS E SEBASTIÃO LASNEAU — 1955 — SÃO PAULO. A poesia é a alma de toda literatura, e o verso parecnos foi a primeira manifestação literária dos nossos antepassados. A própria vida precisa de um pouco de poesia, um pouco de sonho. E quando o poeta consegue aliar sua inspiração a alguma idéia nobre, casa o útil ao agradável.

Amadeu Santos e Sebastião Lasneau, aliados, conseguiram êsse objetivo na poesia: escreverem bonitos versos baseados na moral cristã, para que sirvam de estímulo à mocidade na prática do bem.

Na primeiro soneto, que serve de prefácio, lemos a seguinte quadra:

*«Em breve hão de parar nossos arados
«E é para vós, ó mocidade irmã
«Que nossos olhos hoje estão voltados
«Pretendendo tornar-vos nobre e sã.»*

Num volume de 106 páginas bem impressas em bom papel, contendo 76 poemas em sua maioria sonetos, encontramos pensamentos de puríssimo sabor espiritualista. As três partes de que se compõe o

opúsculo estão assim constituídas: Moci-
dade que canta; Mocidade que declama;
Mocidade que medita. Todos os versos
obedecem ao rigor da métrica.

«VERSOS À MOCIDADE» não é
dessas obras que marcam época, porque
também seus autores não são poetas bi-
sextos, na expressão de Manuel Bandeira.
Todavia, estamos certos de que incutirão
na inteligência moça os princípios básicos
do Evangelho de Jesus.

«Recolhamo-nos, pois, à paz do verso
«Que fala coração a coração».

«VERSOS À MOCIDADE» está sen-
do vendido a benefício do «LAR DE JE-
SUS» de Nova Iguaçu, no Estado do Rio
de Janeiro e poderá ser adquirido pelo
Reembolso Postal.

Cristovam Marques Pessoa.

Natal, 20/1/1956.

A Loucura



Bianor Medeiros

I. — Sempre existiram loucos em to-
dos os tempos e lugares mas nunca como
agora. A Terra está se transformando em
verdadeiro Hospício, em Departamento
de alienados mentais, em Fábrica de lou-
cos. Os Governos não conseguem ampa-
rar e tratar convenientemente a massa
sempre crescente de alienados mentais e
nem tão pouco debelar a crise. O Depar-
tamento de Assistência aos Psicopatas do
Estado de São Paulo sofre de pleora de
serviço, por falta de recursos econômicos,
de medicação suficiente e adequada,
de instalações com capacidade para o am-
paro de todos os enfermos. O Hospital e
Manicômio Judiciário de Franco da Ro-
cha, com capacidade para 5.000 enfermos,
já estão superlotados com 11.500 doentes
internados. A sua sucursal de Ribeirão
Preto marcha pelos mesmos caminhos e
luta com as mesmas dificuldades. A Pe-
nitenciária, os Presídios, as Cadeias, as ca-
sas de tolerância, as casas de família, os
Hospitais particulares estão sendo povo-
dos por dementes. Juizes e Tribunais es-
tão às voltas com loucos de todos os gê-
neros. Médicos especialistas montam hos-
pitais particulares, em número crescente,
tanto nas capitais como no interior. Os
espíritas, abraçando e amparando sempre
os necessitados de toda ordem, fundam e
sustentam Hospitais, Casas de Saúde e
Centros por toda parte. Assim, os Gover-
nos, através dos Ministérios e Secretarias
da Educação, da Saúde Pública e da Jus-
tiça gastam, em seus orçamentos anuais,
muitos milhões na repressão ao crime, na
reeducação do anormal, na cura desses in-
felizes, bem como na sua manutenção,
com processos de readaptação. Mas, mui-
to mais ainda é a despesa do povo, como

colaboração voluntária, na manutenção e
tratamento de tais casos patológicos. Dian-
te da avalanche que se alastra sempre e
penetra nos meios políticos, militares, re-
ligiosos, financeiros, no comércio, na in-
dústria e no campo, nos lares, que amea-
ça indivíduos, famílias, instituições, cole-
tividades inteiras, que afeta o povo, o Es-
tado e as nações, pergunta-se: — para on-
de vais, oh homem?

II. — As leis Divinas são normas de
conduta para todos os homens, para to-
dos os tempos, lugares e situações. Elas
são a linha divisória, a fronteira, os limi-
tes entre o bem e o mal, entre a Justiça
e a Injustiça, entre a virtude e o peca-
do, entre a luz e as trevas, entre a saú-
de e a doença, entre a liberdade e a es-
cravidão, entre a sabedoria e a ignorân-
cia, entre a capacidade e a incapacidade,
entre a harmonia e a desarmonia, entre
a união e a discórdia, entre a paz e a
guerra, entre a felicidade e a infelicidade.
Sábio, santo, justo, bom, são, reto, é o
que conhece, aceita e obedece em tudo
às leis Divinas. A verdade, o bem, o lí-
cito, a justiça, a ordem, a disciplina, a
organização, a bondade, a santidade, a pu-
reza, a virtude, a sabedoria, é tudo quan-
to não seja vedado ou proibido pelas leis
que representam a vontade Divina.

O ilícito, o erro, o pecado, o cri-
me, a iniquidade, a injustiça, a doença, o
sofrimento, as trevas, a ignorância, a in-
felicidade está na ignorância e na desobe-
diência ou violação das leis de Deus, da
vontade do Pai Altíssimo. Errado, injusto,
pecador, criminoso, doente, trevoso, so-
fredor, infeliz é todo aquele que pensa,
sente, age violando sempre as leis Divi-
nas. Da lei, do livre arbítrio relativo do

homem, resulta o princípio legal de que não há virtude sem recompensa, nem crime sem punição. Daí a lei de causa e efeito, de ação e reação, de sementeira e de colheita que preside a vida humana, traçando a sua trajetória evolutiva, os seus sucessivos estados e situações espirituais. Assim, sómente goza de saúde, de beleza, de liberdade, de luz interior, de sabedoria e de felicidade o espírito que não peca, que não viola as leis divinas. A doença, o sofrimento, a escravidão, as trevas, a ignorância, denotam a expiação de grandes crimes do passado e do presente, e a depuração da própria alma.

III. — Assim, a paz, a ordem, o equilíbrio, a harmonia, a alegria, a felicidade são conquistas individuais, são atributos dos espíritos humildes e obedientes; o desespero, a desordem, o desequilíbrio, a tristeza, o sofrimento, a infelicidade são atributos dos espíritos orgulhosos, egoístas, desobedientes, de todos os pecadores. Entretanto, é da Lei, é da vontade de Deus que todos os espíritos encarnados e desencarnados se arrependam, se regenerem, se renovem, se purifiquem, saem e sejam felizes. Tudo depende da boa vontade e do esforço do reajustamento, de readaptação, do livre arbítrio de cada um, funcionando o sofrimento como remédio que impulsiona o espírito para o progresso, para a renovação, para o aperfeiçoamento de si mesmo.

IV — O homem se compõe, é constituído de três elementos distintos e de expressivo valor: a mente, o corpo espiritual, o corpo físico. O principal de todos é a mente que, na nomenclatura bíblica recebe diversos nomes, que tem vários sinônimos: alma, espírito, sôpro Divino, Divina semente, Centelha Divina, olho, embrião, coração, facho, entidade, personalidade, ser, o eu. A mente tem a forma de uma luz, da chama de uma vela e se acha dentro da cabeça do perisprito. A mente é constituída de matéria quintessenciada, maleável, mas indestrutível. É a séde, o domicílio, o santuário de todos os nossos dons, sentidos espirituais: a consciência, a razão, a inteligência, a vontade, a atenção, a memória, a afetividade, o pensamento ou fala, a orientação, a locomoção, a paz, a saúde, a iluminação, a beleza, a intuição, ou receptividade, o olfato, o gosto, o tato, a visão, a audição, a ação e a inação, o livre arbítrio. A virtude ilumina, cura, embele-

za, desenvolve os nossos dons e o pecado embota, adoenta, afeia, atrofia, perturba, ensombra, os nossos dons.

Na mente estão as causas profundas de todos os nossos males, de todos os nossos sofrimentos, de todas as nossas perturbações. A mente é o domicílio da luz e das trevas, da saúde e da doença, da sabedoria e da ignorância, da liberdade e da escravidão, da harmonia e da desarmonia, da beleza e da feiúra, da tranquilidade e do desespero, do amor e do ódio. A mente é a fonte que gera e irradia as nossas forças mentais, o pensamento, a sugestão, o magnetismo pessoal. A mente é a máquina viva que produz todas as nossas energias mentais, perispirituais e do corpo físico e tem o contróle de si mesma, do corpo perispiritual e do corpo físico. Esclareçamos, santifiquemos, iluminemos, arejemos a nossa mente, vivamos em comunhão espiritual perfeita com a Divindade e seremos perfeitos, sadios, felizes, iluminados, livres, porque a mente é como poderosa estação emissora e receptora de pensamentos, criando as formas mentais que projetarmos do interior, pela vontade concentrada, em atitude ativa ou passiva.

V. — A loucura também conhecida por demência, alienação mental é a perda parcial ou total, momentânea ou prolongada da razão. Razão, raciocínio, discernimento, juízo, compreensão, bom senso, senso comum, reflexão, lucidez mental é a faculdade ou dom espiritual pelo qual o homem distingue e age conscientemente entre o bem e o mal, entre o lícito e o ilícito, entre os atos da vida normal e anormal. Os pensamentos e sentimentos humanos se materializam em atos através dos órgãos do corpo físico: cérebro, cerebelo, sistema nervoso, músculos. A demência, a loucura é distúrbio mental, da razão e fere tanto a alma encarnada como o espírito desencarnado, podendo, portanto, tanto um como outro ser demente, ficar demente de um momento para o outro e se conservar nesse estado por muito tempo. A loucura fere a própria alma, a mente, perturbando-a, inutilizando-a para a vida prática. Obnubla a razão, relaxa a atenção, paralisa a vontade, inutiliza a memória, perturba a fala, extingue a afetividade e endurece o coração, inutiliza até mesmo a locomoção, fere e desmantela o cérebro, o cerebelo, o sistema nervoso.

VI. — Procurando solucionar, quanto possível, tão grave problema que afeta a maioria da humanidade, pois são poucas as pessoas perfeitamente normais, verificada a periculozidade do anormal que constitúe permanente ameaça à ordem, à estabilidade, à segurança social e pública, diversos ramos do conhecimento humano, desde muito, não somente estudam, como procuram eliminar a epidemia. Estes ramos do saber, estão interligados entre si, pela identidade de objeto, e são: A Neuropatologia (Neurologia mais Psiquiatria), a Psicologia, a Psicanálise, o Espiritismo. Podemos mesmo afirmar, que a Sabedoria Divina e a Ciência dos homens se aliam, na superfície da Terra, para eliminarem, de braços dados, o magno problema do século vinte — a alienação mental.

A Medicina que é a ciência de curar o corpo físico ou somático, isto é, as enfermidades do corpo humano, se divide em Neurologia e Psiquiatria, que abrangem todos os distúrbios do sistema nervoso, somático (do corpo físico) e psíquicos. Com o tempo criaram escolas, como a somática, a psicologia, etc.

A Psicologia é a ciência da alma e dos seus fenômenos, um dos ramos da Filosofia, que é ciência que estuda todas as coisas pelas suas causas. De empírica que era, torna-se prática e experimental, com melhores resultados nos dias que correm.

A Psicanálise estuda os móveis das ações humanas, pelo subconsciente, pelos recalques, pelos sonhos, como influências libidinosas e tenta curar os anormais pela sugestão e instrução.

O Espiritismo é a Sabedoria Divina ou Espiritual ensinada aos homens pela revelação espiritual em todos os tempos, tem por objeto o estudo da alma humana tanto no passado, como no presente, como no futuro, através das sucessivas reencarnações, dos seus dons, dos seus estados evolutivos, das leis que regem a sua renovação e progresso, as suas boas qualidades morais e defeitos, reeducando o homem para a vida eterna, dentro da ordem universal, fundando-se na realidade objetiva da vida.

VII. — A loucura é efeito e não causa. As causas da loucura são muitas, próximas, remotas, profundas, internas, externas, circunstantes:

a) — externas: a sífilis, a blenorria-

gia, o alcoolismo, o rompimento de um vaso sanguíneo cerebral, o traumatismo ou lesão do cérebro, provocada por queda ou pancada, a obsessão, a possessão, a fascinação, a influenciação perniciosa de espíritos desencarnados com base na sugestão, no magnetismo, na fôrça do pensamento insistente, fixo;

b) — internas: os grandes choques morais, o esgotamento, o cansaço, a estafa, o excesso mental, grandes paixões, idéia fixa, falta de vida afetiva, preocupações mentais, grandes crimes, o desregramento e a insatisfação sexual; a descrença;

c) — circunstantes: a vida tribulada dos tempos atuais, a miséria, o desamparo, o desemprego, o encarecimento do custo de vida, o desequilíbrio econômico, a desharmonia doméstica, as guerras e revoluções, os grandes desastres, o medo;

d) — causas profundas e remotas: o passado longínquo e criminoso do espírito, em reencarnações passadas, que exige retificação como o mentecapto, o retardado mental, a epilepsia, ou obsessão persistente.

VIII. — A Medicina profana, desligada e infensa à vida espiritual, ao Cristianismo, ao Espiritismo que é a Terceira Revelação prometida por Jesus em diversas passagens dos Evangelhos, como sendo o Paráclito, o Espírito Consolador, o Espírito da Verdade que haveria de ficar com seus discípulos e que viria dar testemunho do Senhor e nos ensinar toda a Verdade Espiritual, considera alienação mental ou delírio todas as faculdades espirituais ou dons mediúnicos, como a visão, a audição, a incorporação, a psicografia, a cura dos enfêrmos, etc. Entretanto, todos êstes fenômenos espirituais estão comprovados cientificamente, e foram realizados pelos patriarcas, pelos profetas, por Moisés, por Jesus, por seus discípulos. Para a Medicina Acadêmica, sem Deus, sem fé, sem conhecimentos espirituais, Jesus foi um louco, os profetas foram loucos, Moisés foi um louco, loucos foram os discípulos do Divino Mestre e todos os espíritas são loucos. Por isto mesmo a Medicina ainda não iluminou a sua obra, e, nem a santificou, transformando-se, com o correr do tempo, em verdadeiro balcão comercial privilegiado da classe, em verdadeira fábrica de milhões. Poucos são os médicos que enca-

ram a Medicina como verdadeiro sacerdote, como um dos objetivos sagrados do Cristianismo. As próprias religiões humanas, com exceção do Espiritismo que é a Religião Divina, consideram os dons espirituais como fenômenos anormais, e, proibidos, não admitindo a Revelação depois do Apocalipse, a última Revelação Divina para elas.

Assim, a Medicina aboliu o espírito que vivifica, e, trata somente do corpo físico, do cérebro, do cerebelo, do sistema nervoso, desprezando a máquina viva, o eu eterno, a causa de todos os fenômenos vitais. Para isto, utiliza a insulino-terapia, o eletrochoque, o choque pelo cardiolol, o fosfato, a vitamina B 1.

A Psicologia evita, previne a loucura pela instrução moral comum do mundo.

A Psicanálise trata a loucura pela sugestão, pela educação sexual.

O Espiritismo reeduca o homem para a vida eterna, formando a sua personalidade cristã, reajustando-o para viver melhor no seu meio ambiente, reajustando-o à vida espiritual superior, ajudando-o a se equilibrar no bem, no trabalho construtivo e edificante, pelo estudo, com preces, passes e água fluida.

IX. — O problema da felicidade humana ainda está para ser resolvido, continua sendo adiado indefinidamente, por incapacidade do homem para solucioná-lo. A felicidade consiste na satisfação total de todas as nossas necessidades espirituais, fisiológicas. Assim, o tratamento da alienação mental é mais ou menos complexo e duradouro. Preliminarmente são necessárias medidas de prudência: o diagnóstico pelo exame do paciente, depois o isolamento em lugar adequado, afastando-o, quanto possível, do seu ambiente doméstico e de trabalho, depois o tratamento específico consistente na eliminação de todas as causas que geraram a enfermidade, e afinal, o seu preparo intelectual e moral de reação mental ao meio ambiente causador de desequilíbrios, como auto-defesa, auto-contrôle, auto-disciplina. O desnutrido precisa alimentar-se bem. O isolado, o marginal precisa ambientar-se, adaptar-se ao meio, sociabilizar-se. O sífilítico e o blenorragico precisam curar êsses males. O esgotado precisa de repouso, método de trabalho e de ação. O indolente carece de trabalho construtivo e honesto. O desanimado precisa adquirir bom

ânimo, o medroso coragem, o triste alegria, o mal humorado bom humor, o fanático tolerância, o desorganizado organização, o impaciente tolerância, o impulsivo e violento precisa auto-contrôle, auto-domínio. O jogador precisa abandonar o jogo, o ladrão o roubo, o alcoólatra o álcool, o farrista a farra, o perdulário precisa aprender a gastar com moderação.

O orgulhoso precisa tornar-se humilde, o egoísta precisa aprender a dar e a servir, bem como o usurário. O que não tem vida afetiva precisa aprender a amar. A insatisfação sexual no moço precisa satisfação, assim como o farrista e o velho necessitam moderação. O descrente precisa estudar a vida espiritual, frequentar ambiente espiritualizante, acendendo a luz da própria fé. O obsediado e o obsessivo precisam de trabalhos espirituais, de reeducação, de preces, passes e água fluida.

São estados espirituais, atitudes que geram a perturbação, a perda da saúde mental e física: o ódio, o egoísmo, o desespero, a aflição, a tristeza, o ressentimento, o ciúme, a idéia fixa, o pensamento fixo, as preocupações excessivas, etc. São, pelo contrário, salutaras à mente e ao corpo: a alegria, o bom humor, a conformação com os contratempos e dificuldades da vida, a reconciliação com os inimigos, a bondade de coração, o trabalho nobre e edificante, etc.

Na vida, como no Cristianismo, só a Justiça gera a paz.

Entretanto, sem fé, sem cultura espiritual, sem o Cristianismo em espírito, verdade e vida, sem as lições da própria vida, sem o sofrimento que regenera e depura a alma, sem os benefícios das reencarnações sucessivas, sem as bênçãos do tempo, sem a reparação dos erros do passado, sem a aquisição do merecimento justo, sem o esforço próprio, sem a colaboração indispensável e caridosa dos espíritos superiores, sem fraternidade e o espírito de solidariedade e de colaboração entre os homens, ninguém progride nem se renova, ninguém melhora, ninguém sá-ra, ninguém será realmente feliz. Por isto mesmo os Espíritos Superiores apregoam sempre e por toda parte: «Iluminai o homem e sua obra será iluminada! Educai e espiritualizai o homem e êle será realmente são e feliz!»

Livros em Desfile

Para SELEÇÕES ESPIRITUALISTAS, na Rádio Guanabara,
escreveu e leu Delfino Ferreira, em 25/IX/1954.

Hoje apenas um livro aqui desfilará : «A CARAVANA DA FRATERNIDADE», composto e impresso pela Empresa Gráfica «Revista dos Tribunais» Ltda., de S. Paulo e da autoria do Prof. Leopoldo Machado, que faz reverter todo o produto de sua venda ao «LAR DE JESUS», Caixa Postal 6, Nova Iguassú, Est. do Rio, que atende a pedidos pelo reembolso postal.

Que é este livro ? Obra literária ? Não. Doutrinária ? Também não. Um Relatório ? Poderia sê-lo, como ainda de impressões de viagem. Entretanto tal não se apresenta. Para os que o viveram, isto é, os caravaneiros e os que os receberam, é, por certo, um despertador de saudades, um belo album de recordações. Na verdade, porém, êle tem de tudo isto um pouco, que vezes não raras há de avultar a muitos que o lerem... O quê, no entanto, o livro, em realidade, não deixa de ser, é um documento vivo, expressivo, revelador de um esforço, esforço alimentado por alevantado ideal, esforço a considerar por mais, de um aspecto, de que é menor, não obstante grande, o de dispêndio de energias físicas, mentais, mesmo morais daqueles que lhe foram obreiros e dentre os quais não há como não exponenciar Leopoldo Machado, tanto como autor de suas páginas, como da obra que retratam.

Já a esta altura sentimos cumprir lembrar a causa, melhor, o ideal que o livro documenta. Digamo-lo em linhas rápidas.

O Espiritismo, idéia-fôrça, — porque doutrina-luz — que há de modificar o mundo tão presto êste lhe compreenda a verdadeira finalidade, qual a de estabelecer e realizar a verdadeira linha de conduta humano-social, fundamentada no sentido da Liberdade, não convencional, mas consciente, o Espiritismo no Brasil, como aliás mais ou menos por toda a parte, vivia como um gigante sem cabeça. A cabeça, entretanto, a ser buscada, de todos desejada e por todos intimamente reclamada não era UM CHEFE,

sim a COMPREENSÃO DO REAL SENTIDO DE LIBERDADE, de liberdade, porém, consciente, CONSENTIDAMENTE DIRIGIDA ; todavia fraternalmente. E para tanto se fazia mistér um movimento de UNIFICAÇÃO, a expressar-se através de elevada compreensão do sentido de UNIDADE e de UNIÃO. Unidade de Doutrina e de sua prática, e união de esforços, de trabalho, e, tanto quanto possível, uniformidade de atitudes, de conduta. Ora, estas coisas não se obtêm por decretos, por bulas... Por isto, uma vez firmada aos 5 de Outubro de 1949 a ATA da Unificação do Espiritismo no Brasil, — o chamado Pacto Áureo, — assumindo, por consentimento quase geral, a Federação Espírita Brasileira a direção do movimento espiritista no país, para tanto abdicando a Liga Espírita do Brasil às suas prerrogativas de entidade de âmbito nacional, impôs-se, não obstante, a necessidade de maior esclarecimento com os confrades de certos agrupamentos do Norte e do Nordeste ; não por via burocrática, sim por um entrelaçamento de corações, intercâmbio de idéias e opiniões. Nasceu, daí, o plano da ida àquelas plagas de uma Comissão, plano de pronto incentivado pelo saudoso confrade Dr. Artur Lins de Vasconcelos Lopes, que tudo propiciou a pról de sua realização. E, assim, a 30 de Outubro de 1950, por via aérea, viajou a Comissão, desde logo por todos denominada CARAVANA DA FRATERNIDADE, constituindo-a o Dr. Lins de Vasconcelos, o Dr. Francisco Spineli, os confrades Carlos Jordão da Silva, Luiz Burgos, Ary Casadio e, ao que tudo revela, com a chefia intelectual da Embaixada, o Prof. Leopoldo Machado.

Como atuou a Caravana, quais os frutos colhidos, eis o que o leitor encontrará nas páginas que Leopoldo Machado escreveu, não obstante a grave enfermidade que o acometeu pouco após aqui chegado mas cujos primórdios se manifestaram já em Belém do Pará, de

retôrno de Manáus e de onde, escalando em S. Luiz do Maranhão, em viagem de regresso, rumou a Caravana para Bello Horizonte e Pedro Leopoldo, aí se dispersando após mais de 40 dias de viagens e visitas a onze Estados, a começar pela Bahia, seguindo-se Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão e Pará, de onde, sózinho, rumou a Manáus, no Amazonas, o Prof. Leopoldo Machado.

As páginas de «A CARAVANA DA FRATERNIDADE», contudo, não se limitam ao papel formalista de simples Relatório de viagem ou de missão. Descrevem paisagens, fotografam ambientes, revelam esforços dos nossos irmãos daquelas longinquas paragens, e demonstram, sobretudo, que é pessoalmente entendendo-se, com franqueza e sinceridade, que se poderá plasmar a obra da confraternização. Ofícios, circulares, mensagens, epístolas, etc., etc., não serão de todo inúteis, mas não possuem o calor da palavra falada, do argumento trocado, da idéia defendida ao vivo, com calor e com amor. E tudo isto se vê e se sente no livro em pauta, em que o Autor mostra, página à página, quanto a Caravana, passo a passo viu, ouviu, disse e fez. E isto com a mais simples naturalidade, de modo completo, confirmando, aliás, cabalmente, o que a fls. 151 testimonia: «a Caravana não foi um passeio de turismo». Não se fazia, entretanto, mistér, o declarasse. A descrição da viagem fala por si mesma. Da leitura infere-se a grande valia do fruto de pronto colhido: fundação da UNIÃO SOCIAL ESPÍRITA DA BAHIA, da UNIÃO ESPÍRITA CEARENSE, da FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO MARA-

NHÃO. da FEDERAÇÃO ESPÍRITA PIAUIENSE, todas já com representação no CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL; e, paralelamente, a isto, o sadio labor do reajustamento de idéias, aqui; da rearticulação de iniciativas, ali; ou da consolidação de atividades, além; tudo dentro dos moldes da unidade federativa por Estado, sob a égide do mais elevado espírito de conagração. Cumpre, porém, salientar ainda outro aspecto grandioso do trabalho da Caravana: as Conferências públicas em todos aqueles Estados, pronunciadas em Teatros, Cinemas, e outros recintos leigos, como por exemplo, a Associação dos Empregados do Comércio da Bahia, conferências em que a Caravana, notadamente pela palavra de Leopoldo Machado, fez ampla e louvável difusão da Doutrina espiritual, e de tal modo agitando a propaganda do Espiritismo, que não tardou o revide, o que seria natural, não fôra o não haver correspondido ao mesmo nível de nobreza dos nossos oradores. Destarte, a Caravana, bonanzando o meio espiritista, tempestuou o dos nossos costumeiros contraditores, com o que, iniludivelmente, aumentou o seu sucesso e imprimiu mais vida e agitação à propaganda do Espiritismo.

Minguam-nos espaço e tempo para dizermos do livro de Leopoldo o que, na realidade êle é. Nosso esbôço, porém, — e êste o nosso objetivo — aguçará curiosidade por êle, cujas páginas relatam, ao demais do quanto entremostrámos, o que pensam, o que fazem, o que sentem nossos irmãos nortistas e nordestinos, animando, em todos, a fé no futuro do Espiritismo em nossa pátria.

A todos, PAZ e LUZ.



Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.\$ 150,00	Do 20.º ano Cr.\$ 120,00	Do 27.º ano Cr.\$ 120,00
Do 4.º ano . . 150,00	Do 21.º ano . . 120,00	Do 28.º ano . 120,00
Do 5.º ano . . 150,00	Do 22.º ano . . 120,00	Do 29.º ano . 120,00
Do 6.º ano . . 150,00	Do 23.º ano . . 120,00	Do 30.º ano . 120,00
Do 7.º ano . . 150,00	Do 24.º ano . . 120,00	Do 31.º ano . 120,00
Do 18.º ano . . 150,00	Do 25.º ano . . 120,00	
Do 19.º ano . . 120,00	Do 26.º ano . . 120,00	

Crônica Estrangeira

Um pai desolado que ouviu a voz de seu filho morto, relata sua experiência na Televisão, no decorrer duma entrevista com Franklin Englemann

O Snr. Cecil Hughes é membro da sociedade de engenheiros mecânicos e mora na rua Sherborne, em Yeovil.

Ele trabalhava na fábrica real de artilharia em Aberdare, quando faleceu seu filho de 17 anos. Esta perda cruel aniquilou toda sua coragem e ele abandonou as crenças religiosas, até o dia em que sobreveio o acontecimento, que é o objetivo deste artigo.

Grande era a sua gratidão, que o induziu a escrever à Rádio B. B. C., oferecendo relatar sua história, «porque ela pode ajudar aos que choram entes queridos e estão desesperados».

O jornal *South Wales* relata a entrevista que milhares de auditores ouviram e viram na televisão.

Hughes diz que certo dia, durante o período em que estava tão desesperado, caminhava pela avenida Broad Street, Bristol, quando viu uma inscrição que dizia: «Newman e Cy, Engenheiros Mecânicos».

Imediatamente ele pensou, em seu filho e no tempo em que ambos praticavam a telepatia.

De súbito, um homem moço saiu da multidão e assobiou a canção «Não colheremos os lírios», pela qual o filho morto tinha particular entusiasmo, e que ambos por vezes cantavam juntos.

Mas escutemos a continuação do relato.

«Eu caminhava sem nada ver, quando ouvi distintamente uma voz que dizia: «Olhe para o chão, olhe para a terra, é a mesma data do meu aniversário».

«Ali, a meus pés, estava uma moeda de seis pence, cunhada em 1929, o ano em que nasceu meu filho!!»

Mais tarde, o Snr. Hughes disse que este fenômeno de telepatia teve con-

siderável influência sobre seu estado de alma. De desesperado que era, tornou-se conhecedor da sobrevivência.

«*Spiritualisme Moderne*» reproduziu de «P. N.»



Nos Limites do Incrível

Uma senhora nasceu duas vezes

Os progenitores de uma menina morta em 1910, tiveram, nove meses depois, outra filha absolutamente idêntica, biologicamente, e com atitudes da primeira. — Surpreendentes revelações sobre a identidade. — O fenômeno só era conhecido por poucas pessoas e agora revelado pela primeira vez.

PALERMO, 4 — O fato sensacional que hoje se divulga na Sicília é o da senhora Alexandrina Samoná, esposa do General Giuffrida, ora reformado. A senhora Alexandrina foi famosa na Itália quando era menina.

Alexandrina nasceu em 1902 e morreu de meningite em 15 de março de 1910. Não era a Alexandrina, hoje viva. Isto é: o seu corpo era outro; só a alma era a mesma, passada a outra irmãzinha. Isto afirmaram dois estudiosos de metapsíquica. A segunda Alexandrina nasceu, com a gêmea Maria Pace a 22 de novembro do mesmo mês de 1910.

Como se pode falar de identidade?

Preciso é considerar o relato de Samoná pai, que em 1897 esposara uma senhora muito rica, a senhorita Adele Monroy. Bem situados ambos, tinham ainda outra prerrogativa em comum: a paixão pela metapsíquica. Adele morreu em 1923. A mulher lhe sobreviveu longo tempo; expirou há poucos anos.

Três dias após a morte, Alexandrina apareceu, em sonho, à mãe.

«Não chores — disse — não te abandonei. Voltarei. De novo deverás começar a sofrer por mim».

Isto aconteceu duas vezes. Não é fácil dizer se o doutor Samaná com isto

se alegrou mais como pai ou espirita. No decorrer de sessões mediúnicas evocou o espírito da filhinha morta, o qual se apresentou. As comunicações eram por mensagens tiptológicas, isto é, por meio de golpes sobre uma mesinha. O espírito de Alexandrina confirmou o seu próximo nascimento, ou melhor, o segundo nascimento de si mesma. O caso requeria o pronunciamento da ciência, dos obstétricas. O Dr. Coriario, em Spadafora (Messina), onde a família residia então, e o Dr. Giglio, em Palermo, confirmaram que a senhora estava grávida.

De novo uma «entidade» afirmou durante uma posterior sessão espirita:

«Alexandrina nascerá perfeitamente semelhante à primeira, mas um pouco mais bonita.»

Na data precisa, 22 de novembro de 1910, vieram à luz as duas crianças pré-anunciadas. Alexandrina segunda edição, foi de súbito identificada; a outra recebeu o nome de Maria Pace.

A rápida identificação de Alexandrina n.º 2 foi possível graças a uma semelhança complexiva surpreendente com a irmã morta (inclusive uma iperemia no olho esquerdo e uma leve assimetria facial); também com o passar dos anos a pequena manifestou tais características psicológicas, como tendências, modos de dizer e de fazer, de proceder, idênticas às da Alexandrina n.º 1.

Eis algumas coincidências, de escasso valor se consideradas isoladamente, mas surpreendentes se tomadas em conjunto. A segunda Alexandrina empregava as mesmas frases da primeira; fazia os mesmos jogos, carícias, movimentos, afagos. Uma e outra eram tímidas e tranquilas, mostravam idêntico terror ao barbeiro. Não gostavam de bonecas. Tinham aversão ao queijo. A falecida e a viva só usavam — e ainda agora a segunda somente usa a mão esquerda.

Oito anos, pois que a primeira só

viveu oito anos, não são muitos para estabelecer uma comparação exaustiva, mas suficiente. Pode-se discutir sobre a metempsicose, e neste caso em particular, como muitos a discutem, mas não sobre a surpreendente semelhança de tantos elementos e ainda de outros.

O irmão Antonio conta hoje as experiências de clarividência retrospectiva que fez juntamente com a irmã mais velha. Na mão de Alexandrina punham, num estojo sem inscrição alguma, um pedaço de carta; ela adivinhava o nome de quem escrevera, o de quem a recebera — ambas dela desconhecidas — e a data. Ela mesma era tomada de assombro; não sabia descobrir como pudesse conhecer essas coisas.

Em data mais recente (1947), começaram os fenômenos auditivos, que ainda duram. A faculdade frequente de ouvir vozes, sem que nada fosse feito para provocá-las, de pessoas que contam sua história. Entre muitas, o caso, bem recente, de um homem que afirmou chamar-se Rocco Outulo. «Sou Rocco Outulo — disse a voz a Alexandrina. — Morri num desastre de automóvel, em Roma. Eu era agente de seguros». A voz se extinguiu.

A ocorrência narrada pela Sra. Alexandrina, podia ser uma ficção. Depois soube-se que esse Rocco Outulo falecera em 1954, nas circunstâncias referidas.

Outro caso:

«Morri num bombardeio aliado, numa rua de Paris. Meu nome é Jacqueline Cúchon. Eu era costureira. Dizei à minha mãe que faça muitas orações por mim». A mãe foi realmente descoberta.

Estes e muitos outros casos formam o acervo da senhora Alexandrina, rediviva; um cemitério de cujas sepulturas se levantam os mortos para narrar sua história breve, mas pungente.

De «Fanfulla» — 15/10/1956.

O espirita tem o dever de colocar-se muito acima das paixões e conveniências humanas, trabalhando com todas as forças da sua inteligência para construir um mundo novo alicerçado nos preceitos evangélicos. Se não fizer assim não pode afirmar-se espirita e nem participar da Falange dos Espíritos Superiores incumbidos de dirigir a espiritualização da humanidade. Aceitai esta advertência, afim de melhor vos orientardes no trabalho espiritual.

CAIRBAR.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. \$ 179.143.00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saúde.

«Síntese»

Acaba de reaparecer em sua nova fase, em Belo Horizonte, Minas, sob a competente direção dos confrades Henrique Rodrigues, Noraldino de Mello Castro, Eugenio Monteiro e Rubens Romaneli, «Síntese», jornal de formato grande e muito bem confeccionado.

O número que temos sobre a mesa de trabalho, n.º 2, insere ótimos artigos de fundo doutrinário, o que torna «Síntese» um dos mais úteis órgãos da seara espírita.

A' distinta colega, as nossas boas vindas, com votos de vida longa e crescente progresso.

«Ilustração Espírita»

Já no seu segundo ano de existência, temos sobre a mesa de trabalho o n.º 2, referente ao mês de Outubro último, desta distinta colega que se publica em São Paulo.

Impressa em ótimo papel «couchê», ilustrada com diversos clichês, «Ilustração Espírita» insere artigos substanciosos e oportunos, entre os quais os dos apreciados escritores e jornalistas espíritas Carlos Imbassahy, J. Herculano Pires e Paulo A. de Godoy.

A' distinta colega, votos de prosperidade e vida longa na santa cruzada de difundir a Verdade à luz do Espiritismo.

«O Espiritismo à Luz da Crítica»

O nosso distinto colaborador e companheiro de redação, Deolindo Amorim, um dos mais apreciados escritores espíritas e batalhador incansável na defesa e difusão do Espiritismo, acaba de lançar a lume a obra de sua autoria intitulada — «O Espiritismo à Luz da Crítica», sem dúvida um dos mais importantes trabalhos aparecidos ultimamente para maior enriquecimento da já tão rica biblioteca espírita.

Trata-se de uma longa e bem documentada refutação ao livro «O que é o Espiritismo», de autoria do Padre Alvaro Negromonte, que, embora sem o querer, foi o instrumento escolhido para o aparecimento deste notável trabalho de Deolindo Amorim que, com a sua cultura, bom senso e grande conhecimento eleva bem alto o Espiritismo com esclarecimentos que certamente hão de levar o Padre Alvaro Negromonte e seus colegas a meditar muito.

O livro contém 242 páginas impressas em ótimo papel tipo «Buffon», formato grande.

Gratos ao autor pela oferta de um exemplar, com fraternal dedicatória.

Joanino Sabatella

Tivemos a grande satisfação de receber a visita do confrade Joanino Sabatella, residente em Ponta Grossa, Paraná, e um dos mais ardorosos difundidores do Espiritismo, tendo dedicado o resto de sua existência terrena ao labor da seara espírita.

Com êle mantivemos momentos de alegria espiritual ao ouvir a sua palavra de fé e conforto, nos legando instruções oportunas da sua longa experiência de velho batalhador da seara espírita.

Rendendo uma homenagem ao nosso querido companheiro Cairbar Schutel, Joanino Sabatella realizou no Centro Espírita «Amantes da Pobreza», no dia 21 de Novembro último, às 20 horas, uma

substanciosa palestra que a todos agradou sobremaneira.

No dia seguinte, este nosso amigo e confrade seguiu para São Paulo, nos deixando gratas recordações e a promessa da renovação de sua visita a Matão.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião Ordinária realizada em 3 de Novembro de 1956

Com a presença de Conselheiros em número regimental e à hora legal, o Presidente profere uma prece e declara abertos os trabalhos. Lida e aprovada a Ata anterior, faz o Presidente comentários sobre o andamento do programa organizado para as comemorações, em 1957, do I Centenário da Codificação, relatando minuciosamente as providências adotadas, para maior brilho das solenidades previstas. Refere-se ao pedido da Comissão Organizadora do Espiritismo em Mato Grosso, solicitando a presença de um Representante na Reunião marcada para 14 de Dezembro, em Campo Grande. De acôr-

do com o plenário, o Presidente nomeia o Conselheiro Atlas de Castro.

Santa Catarina—O Conselheiro Manoel Bernardino apresenta trabalho organizado pela Federação Catarinense, destinado à atualização do Cadastro das Sociedades Espíritas em todo o País, recebendo o Conselho com o maior agrado a comunicação.

Ceará — O Representante, Conselheiro Henrique Magalhães, diz da ótima impressão recebida em sua recente viagem a Fortaleza, relativamente ao grande desenvolvimento do Espiritismo no Estado do Ceará, destacando a atividade das Mocidades Espíritas nos setores de propaganda da Doutrina e da assistência aos necessitados.

O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, relatando sua recente viagem a Porto Alegre, transmitiu ao Conselho seu grande entusiasmo pelo que teve a felicidade de ver e sentir, no movimento espírita gaúcho.

A's quinze horas e trinta minutos, o Presidente encerra a reunião, depois de feita a prece final pelo Representante de Minas Gerais, Conselheiro Dr. Miranda Ludolf.

NECROLOGIA

Silvio Goulart de Faria

Mais um esforçado e perseverante trabalhador da seára espírita acaba de regressar à Pátria Espiritual. É o nosso velho amigo Silvio Goulart de Faria, que desincarnou no dia 9 de Novembro passado, em Araraquara, onde residiu muitos anos, prestando o seu concurso ativo e produtivo na propaganda da Doutrina, quer prègando na tribuna espírita, quer orientando trabalhos espíritas. Graças a sua dedicação e boa vontade, muitos en-fêrmos do corpo e da alma encontraram a cura dos seus males. A sua palavra simples mas substanciosa, que versava em torno do Evangelho e da Doutrina, agradava em cheio a todos que tinham a ventura de ouvi-la.

Era amigo inseparável do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, e, portanto, espírita da velha guarda. Acompanhou Cairbar muitas vezes nos trabalhos espíritas. O seu desincarne foi repentino, poucas horas após ter participado de uma

sessão espírita, o que quer dizer que a morte o surpreendeu no trabalho da seára.

Era filho dos confrades José Goulart de Faria e D. Clara Emilia da Fonseca Faria, já desincarnados, e irmão dos confrades Silvia, Marina, Branca e Persio Goulart de Faria.

Deixa viuva a exma. sra. d. Joana Goulart de Faria e os seguintes filhos: José, Silvio e Helena Goulart de Faria.

O enterramento do seu corpo físico realizou-se no mesmo dia, com grande acompanhamento, com o comparecimento de todos os espíritas de Araraquara e de muitos espíritas de Matão. Usou da palavra à beira da sepultura, o confrade Alexandre Barbosa. «O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e Centro Espírita «Amantes da Pobreza», fizeram-se representar pela companheira D. Antonia Perche Campêlo. A Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» fez-se representar pelo seu Presidente Edo Mariani.

Numa prece fervorosa, solicitamos a Jesus que proporcione a este servo dedicado, mais luzes ainda e mais possibilidades de progresso.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiu Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
O Consolador
Gotas de Luz
Fonte Viva
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Volta Bocage
Jesus no Lar
Os Mensageiros
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Instruções Psicofônicas
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À
VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.



Natal dos Pobres

Prezado confrade

Paz em Jesus

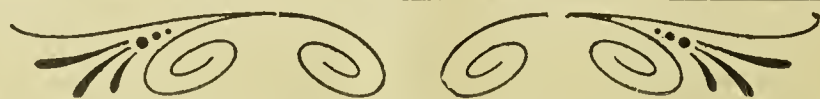
O Natal está se aproximando. Nesse dia a cristandade rende as suas homenagens, num preito de gratidão, a Jesus, nosso Mestre. Como nos anos anteriores, a União Municipal Espírita de Matão, realizará o «Natal dos Pobres», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes forem ofertadas, as quais podem ser em dinheiro, gêneros alimentícios e roupas mesmo usadas. E' este, sem dúvida, um gesto que agradará a Jesus, que é amigo dos pobres e dos humildes.

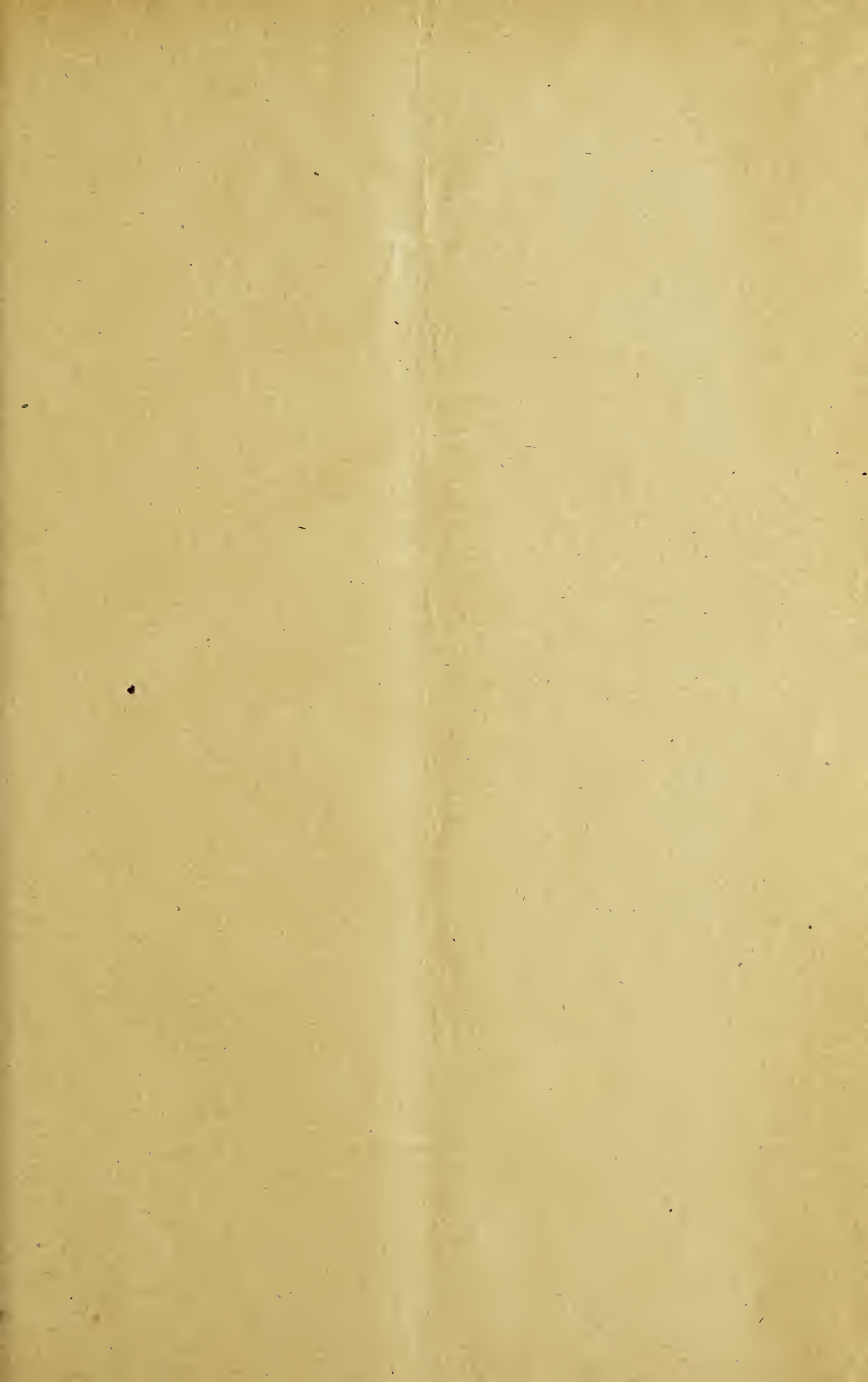
Certa de que será atendida no seu justo pedido, a Comissão encarregada de promover o Natal dos Pobres, agradece-lhe de coração antecipadamente, almejando-lhe feliz Natal e um próspero Ano de 1957.

A COMISSÃO

*D. Chiquita Fonseca
Izabel Camargo
Antonia P. S. Campêlo
Zélia S. Perche
Edeny Gonçalves
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde da Cunha
Donata Casadei de Oliveira*

*Leticia Morceli Olson
Elza Olson
Candida Gonçalves Coelho
Olga Coelho
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniussi
Palmira Pedro Troleze
Carmem Torres*





Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.\$ 90,00
Semestre	—	„ „	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	120,00
Semestre	—	„ „	65,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

8931CL

PR

02-06-07 32100

836

XL

Group

FOR LIBRARY USE ONLY

For use in Library only

